



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL FACULDADE
DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO CURSO DE JORNALISMO**

ALÉM DO SILÊNCIO:

Desafio de pessoas surdas no mercado de trabalho

Campo Grande

NOVEMBRO / 2024

GIOVANNA ESPERIDIÃO DA SILVA MONTOSO

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário - 79070-900 - Campo Grande (MS)
(67) 3345-7607 – jorn.faalc@ufms.br – <https://jornalismo-faalc.ufms.br> – www.ufms.br



ALÉM DO SILÊNCIO:

Desafio de pessoas surdas no mercado de trabalho

Relatório apresentado como requisito parcial para aprovação na disciplina Projeto Experimental II do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Orientador (a): Taís Marina Tellaroli Fenelon

Campo Grande

NOVEMBRO / 2024

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário - 79070-900 - Campo Grande (MS)
(67) 3345-7607 – jorn.faalc@ufms.br – <https://jornalismo-faalc.ufms.br> – www.ufms.br



SUMÁRIO

1. Resumo	4
2. Introdução	5
3. Execução	8
3.1 Dificuldades encontradas	9
3.2 Objetivos alcançados	10
4. Suportes técnicos adotados	11
4.1. Sobre a história	13
4.2 A Língua de Sinais no Brasil	14
4.3 Movimento surdo no Brasil	15
4.4 Mercado de trabalho	16
5. Considerações finais	17
6. Referências	18

1. RESUMO

A surdez atinge mais de 10 milhões de pessoas, o que corresponde a 5% da população brasileira, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Dos quais 2,7 milhões possuem surdez profunda, isto é, não escutam absolutamente nada. O documentário “Além do Silêncio” tem como objetivo mostrar as experiências vividas por surdos em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, a respeito da colocação deles no mercado de trabalho e a permanência. O documentário tem 12 minutos de duração, foi narrado em português e também traduzido para a Língua de Sinais. Foram entrevistadas três pessoas surdas com vivências diferentes em suas vidas profissionais onde relataram as dificuldades no dia a dia devido à surdez. Por fim, o propósito deste trabalho é promover a exposição e conscientização a respeito dos empecilhos que a comunidade surda enfrenta ao entrar e permanecer no trabalho.

Palavras-chave: comunidade surda; inclusão; mercado de trabalho.

2. INTRODUÇÃO

A língua é parte integrante de um povo, servindo para o ato de comunicar, sendo uma forma que permite ao sujeito compartilhar mensagens, ideias e emoções, estruturar seu pensamento, demonstrar o que sente, registrar conhecimentos e se comunicar com o outro. Além de sua notável importância, a comunicação é um direito previsto na Declaração Universal de Direitos Humanos, que estabelece que “todo ser humano tem direito à (...) receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras” (1948, p.3).

Porém, diversas barreiras podem impedir ou prejudicar o ato de comunicação. Uma barreira conhecida é a linguagem. Se a pessoa que você está tentando se comunicar não entende sua língua, a comunicação será muito difícil. Em relação aos indivíduos surdos, sua língua materna é a Língua de Sinais, que utilizam de recursos diferentes das línguas orais: os gestos (QUADROS, 2011).

Segundo o decreto 5.626, de 22 de dezembro de 2005, Art. 2º: “considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais – Libras”, e conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o número de pessoas surdas no país passa dos dez milhões, e observando a perspectiva cultural, os surdos fazem parte de uma comunidade, que possui identidade e língua própria.

As pesquisas e as reivindicações da comunidade surda foram essenciais para a aprovação do direito de usar a Língua de Sinais. No Brasil, a Lei Federal que regulamenta esse direito é a nº 10.098, de dezembro de 2000, que garante aos surdos acesso à informação por meio da Língua gestual. Outra Lei importante para a comunidade é a Lei Federal 10.436, de abril de 2002, que reconhece a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como oficial dos surdos. No entanto, mesmo com as regulamentações e avanços – como o direito à Língua de Sinais, escolas com ensino bilíngue (que possuem Libras e Português) e a acessibilidade possibilitada com meios de tradução -, muitos quesitos deixam a desejar, como o mercado de trabalho.

A Lei de Cotas para Pessoas com Deficiência (8.213/91) garante a inclusão de pessoas com deficiência no mercado de trabalho. A legislação determina que empresas com mais de 100 empregados reservem de 2 a 5% das vagas para pessoas com deficiência, o que inclui pessoas surdas. Mas, observa-se que as empresas têm dificuldade em receber e lidar com a presença de uma pessoa surda em seu corpo de funcionários e colaboradores pela falta de preparação para recebê-lo adequadamente. Em muitas vezes, ele é colocado de forma aleatória na empresa, apenas com o intuito de cumprir a legislação.

Sendo assim, a empresa não contrata intérpretes para acompanhar o surdo, não contrata instrutores de Libras para ensinar aos funcionários ouvintes a se comunicarem, para aprenderem pelo menos o básico, não adequam sistemas de trabalho, e pela dificuldade na comunicação, o funcionário surdo não tem autonomia para executar suas atividades e não é incluído na rotina da empresa, seja no dia a dia, ou em reuniões e até mesmo na construção de vínculos com os colegas de trabalho, o que acarreta a dificuldade de permanência no cargo.

Baseado no artigo 5º da Constituição Federativa do Brasil (1988), sabemos que todos os indivíduos possuem os mesmos direitos na sociedade, entretanto, em pleno século XXI os surdos ainda são subvalorizados e, na maioria, excluídos do mercado de trabalho. Pela falta de qualificação profissional, visto que a sociedade em geral não cria oportunidades para que as pessoas surdas possam se qualificar, eles sempre ocupam cargos subordinados e subempregos com salários muito baixos e não conseguem alcançar o crescimento profissional.

Ou seja, a dificuldade relacionada ao mercado de trabalho também perpassa a dificuldade de acesso ao ensino, principalmente o ensino superior. O baixo nível escolar ainda é um fator restritivo à admissão da pessoa surda no mercado de trabalho. Conforme o Censo da Educação Superior do ano de 2021, elaborado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), apenas 10.820 alunos matriculados em cursos de graduação têm deficiência auditiva, surdez ou surdo-cegueira.

Por meio de uma produção audiovisual, em formato de documentário, pretende-se relatar as experiências vividas por surdos em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, a respeito da colocação no mercado de trabalho. Proponho algumas hipóteses a serem analisadas durante a produção: baixa contratação pelo pensamento de incapacidade dos

surdos, baixa escolaridade e falta de capacitação profissional e a necessidade da contratação de um intérprete de Libras.

Este projeto experimental é um produto jornalístico, o documentário “Além do Silêncio”, que aborda as dificuldades encontradas pelos personagens e da comunidade surda, de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, ao se depararem com o mercado de trabalho. O documentário foi feito com um episódio único de 12 minutos de duração, sendo realizado todo na Língua de Sinais, contendo também narração em Português. Para realizá-lo foram selecionados três perfis de pessoas surdas e com relações diferentes quanto ao mercado de trabalho.

A respeito das minhas motivações para escolher este tema e elaborar um produto, destaco a importância da sociedade, escolas e mercado de trabalho debater e conscientizar alunos, colaboradores, sobre este assunto desde a infância; a necessidade de comunicação, nem que seja básica; e, o formato documental para visualização da Língua de Sinais.

O documentário está disponível em https://drive.google.com/file/d/1hD_GAKsyd_vqRsUzMsbnIK9sHfXOkzbl/view?usp=drive_link.

3. EXECUÇÃO

A elaboração do documentário “Além do Silêncio”, começou no primeiro semestre de 2023, durante a disciplina de Pesquisa em Jornalismo, por meio do desenvolvimento do Projeto de Pesquisa. Após ter construído a parte teórica, por pesquisas científicas e vivências com a comunidade surda, estruturei um pré-roteiro com as perguntas das entrevistas e então comecei a busca de captação das fontes. Ao todo, contactei cinco possíveis fontes, porém, duas delas não foram possíveis. Depois que as fontes aceitaram participar, iniciei as gravações, feitas pelo celular, e a edição, feita pelo aplicativo “CapCut.”.

Comecei a produção do documentário oficialmente no mês de agosto de 2024. Após as conversas iniciais com os entrevistados, fiz os agendamentos para a gravação e fui a campo. Primeiramente, comecei as entrevistas seguindo um roteiro semi-estruturado de base que eu havia feito, com perguntas básicas apoiadas em hipóteses que interessam à pesquisa e amplitude de novas hipóteses que foram surgindo com as respostas do entrevistado (TRIVINOS, 1990, p. 146).

Ao longo dos depoimentos fui desenvolvendo os assuntos conforme as fontes iam relatando, também deixei os personagens à vontade para expor suas experiências. Com o Wellington fiz a gravação no Ginásio Guanandizão, pois a empresa que ele trabalha não deu autorização para que fosse gravado no ambiente de trabalho; com a Eliane fui até onde ela trabalha, na Escola Municipal Prof. Hércules Maymone; e, com o Samuel, foi na Praça do Papa, porque também não houve autorização para gravar no trabalho dele.

Depois que as gravações já estavam feitas, comecei a fazer os cortes do que seria usado e o que seria descartado, foi um processo difícil diante a um assunto importante. Quando todos os vídeos já estavam encaixados, fiz a decupagem em português das falas para iniciar a narração, realizada por mim, meu esposo e meu cunhado. Em seguida adicionei trilha e transições, para que o vídeo não ficasse maçante apenas com as falas espaçadas e os sinais. Ao final de toda a edição, senti necessidade de adicionar algumas partes de introdução contendo dados, então fiz três passagens para acrescentar no começo, meio e fim do documentário.

3.1 DIFICULDADES ENCONTRADAS

A primeira dificuldade que encontrei foi adiar a execução deste documentário, a intenção era começar em 2023, mas como eu tinha algumas matérias a cumprir ainda, optei por iniciar em 2024.

Outra dificuldade foi com uma fonte, minha ideia inicial seria entrevistar um surdo que é Mestre e Doutor, sendo o primeiro a obter essa titulação no Mato Grosso do Sul, professor da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), a princípio ele havia aceitado participar da gravação, porém, sempre que eu entrava em contato para tentarmos agendar o dia da captação, recebia uma resposta diferente do que ele havia dito anteriormente. Ele seria minha fonte principal por ter uma grande bagagem de experiências, mas devido a muitas tentativas sem sucesso para gravação, resolvi buscar outro personagem central, que neste documentário é a surda Eliane Vieira. Com a Eliane, o projeto começou a fluir, pois rapidamente consegui fazer a gravação.

Uma dificuldade que também tive foi na edição, meu computador estragou e tive que fazer a edição toda pelo celular, que às vezes travava, pois os vídeos ficaram grandes, não reconhecia os vídeos, mas deu certo. A orientação foi que o tempo limite fosse de 20 minutos, para que não ficasse maçante para as pessoas assistirem, o qual também foi um desafio diante de tantos assuntos importantes abordados por meio das fontes.

Por fim, uma dificuldade que tive foi conciliar a velocidade das sinalizações dos personagens surdos com a locução em português. Por vezes os surdos sinalizavam mais devagar e utilizando vários sinais que em português tem apenas um significado e vice-versa, isto é, em alguns momentos ficou um 'vácuo'. Porém, respeitei o tempo de sinalização deles, o qual é diferente do nosso ritmo de fala, e para tentar solucionar esse período em silêncio adicionei trilha, aumentando o volume quando ficasse sem fala e diminuindo quando voltasse a narração.

3.2 OBJETIVOS ALCANÇADOS

O objetivo de produzir um documentário que promova a exposição e conscientização a respeito das dificuldades que a comunidade surda enfrenta ao entrar e permanecer no trabalho, e, entregar uma mensagem de esperança para as pessoas surdas, foi alcançado. Acredito que através das histórias de superação, outros surdos possam se sentir motivados em lutar pelas suas metas.

O primeiro objetivo específico, que foi analisar as dificuldades de comunicação que esse público se depara no ambiente de trabalho, a falta de compreensão da Língua de Sinais, foi alcançado através das experiências que os personagens detalham ao longo do documentário.

Seguido do objetivo de identificar a relação entre o nível de escolaridade e o nível profissional, que reflete na condição em que esse público chega ao mercado de trabalho, os quais, em sua maioria, não possuem formação superior ou nem mesmo o ensino médio completo, impactando diretamente nas funções em que essa pessoa pode ser inserida dentro da empresa.

Por fim, a narrativa de contar histórias de surdos que estão trabalhando também foi cumprida, além de trazer uma consciência comunicativa e social para o documentário.

4. SUPORTES TEÓRICOS ADOTADOS

Por muito tempo, as pessoas com deficiência viviam escondidas da sociedade, com medo de julgamentos e até como modo de proteção. Houve relutância para que as crianças começassem a frequentar escolas e o direito à educação se tornou uma grande conquista a esse povo.

É importante ressaltarmos ainda que o sujeito surdo tem cultura e identidade próprias e as constrói com um modo de entender o mundo e modificá-lo. Além disso, a comunidade surda também reúne pessoas ouvintes - familiares, intérpretes, professores, amigos e outros - que compartilham da vivência do surdo. Diversas questões, reivindicações e necessidades desta comunidade são urgentes, considerando a dinâmica social, mas, o desconhecimento de muitos quanto a esta, torna esse povo 'invisível'. Segundo os autores surdos americanos, Padden e Humphries (2000, p. 5 apud, STROBEL, 2008, p. 30):

Uma comunidade surda é um grupo de pessoas que vivem num determinado local, partilham os objetivos comuns dos seus membros, e que por diversos meios trabalham no sentido de alcançarem estes objetivos. Uma comunidade surda pode incluir pessoas que não são elas próprias surdas, mas que apoiam ativamente os objetivos da comunidade e trabalham em conjunto com as pessoas surdas para os alcançar.

Por meio da ideia de multiculturalismo, que trata da (2016, p, 61) “valorização da diversidade cultural que busca eliminar preconceitos e estereótipos construídos historicamente, procurando formar uma sociedade alicerçada no respeito e dignidade do outro” (BRAVARESCO e TACCA, 2016, p, 61), justifica-se a busca do reconhecimento da diversidade e da necessidade da discussão e exposição dos problemas enfrentados pela comunidade surda.

Mesmo com a legislação determinando a inclusão, os surdos ainda sofrem por falta de oportunidades, por isso, cabe à sociedade debater esse assunto e tentar fazer entender as dificuldades deste público para proporcionar modos que as amenize. Pimenta (2001, p, 24) descreve que

A surdez deve ser reconhecida como apenas mais um aspecto das infinitas possibilidades da diversidade humana, pois ser surdo não é

melhor ou pior do que ser ouvinte, é apenas diferente. Se considerarmos que surdos não são “ouvintes com defeito”, mas, pessoas diferentes, estaremos aptos a entender que a diferença física entre pessoas surdas e pessoas ouvintes gera uma visão diferente de mundo, um ‘jeito ouvinte de ser’ e um ‘jeito surdo de ser’.

Minha escolha quanto ao tema deste TCC está relacionada à minha vivência como Tradutora e Intérprete de Libras, desejo que mais pessoas conheçam a causa, possam entender e lutar pelos direitos do público surdo. Quanto ao formato documental, a definição foi feita considerando suas principais características. Conforme Bezerra (2014, p. 27),

As definições mais consensuais do cinema documentário e do jornalismo costumam reforçar seus vínculos com um mundo “real”. Reportagens e documentários seriam a “realidade”, traduzida no recorte visual, no privilégio da informação e/ou da transmissão/reflexão, unidas em uma dimensão ética e, nos melhores exemplos, numa busca estética para expressá-las.

Fernão Pessoa Ramos define este gênero audiovisual como “uma narrativa com imagens-câmera que estabelece asserções sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como narrativa sobre asserção sobre o mundo” (RAMOS, 2008, p. 22). Através dessas definições, podemos considerar que o documentário se constitui como uma forma de olhar para os acontecimentos com uma narrativa própria.

Bill Nichols identifica cinco modos de ‘fazer’ cinema documentário: expositivo, poético, participativo, observacional e performativo (2005, p. 62-63). Conforme o autor (2005, p. 205), documentários que apresentam questões sociais se harmonizam com o modo expositivo. Através desse modo de narrativa, se expõe a sociedade determinadas questões sociais, justamente o objetivo deste projeto.

A sonorização e narração dos documentários também é uma parte importante. Nichols cita ‘a tradição da voz de Deus’, que seria uma voz que marca autenticidade do modo expositivo do documentário. Este projeto foi realizado todo em Libras, reforçando a importância da Língua e possibilitando a acessibilidade do público principal.

4.1 SOBRE A HISTÓRIA

Para entender a trajetória e lutas atuais do povo surdo, precisamos considerar referências antigas. Evidentemente, sempre existiram surdos, mas há poucos registros sobre eles na Pré-história e Antiguidade. Para os antigos gregos, os surdos eram tidos como incapazes de raciocinar. Em Roma, eram considerados pessoas ‘imperfeitas’, sendo excluídas do convívio social e sofrendo com retaliações do restante da sociedade.

Durante a Idade Média, os surdos viviam um cenário hostil, junto com outros grupos de pessoas que possuíam algum tipo de deficiência com forte influência da Igreja Católica. Rejeitados e excluídos, considerados por algumas religiões como ‘aberrações’, e até vistos como ‘castigos divinos’.

Observando o cenário atual, de acordo com Redondo e Carvalho (2000, p. 5), a deficiência é um tema ainda muito desconhecido no Brasil. A afirmação considera a ausência de estatísticas a respeito do número real de surdos no país, as formas de assistência disponível e sua integração e inclusão social.

4.2 A LÍNGUA DE SINAIS NO BRASIL

A Língua de Sinais começa a ser iniciada no Brasil quando o surdo professor francês Ernest Huet é convidado pelo Imperador Dom Pedro II para vir ao país discutir sobre a abertura de uma escola para surdos. Huet ficou surdo aos 12 anos, acometido por sarampo. Mesmo com a surdez, continuou os estudos através do Instituto Nacional de Surdos-mudos de Paris. Neste instituto, a Língua de Sinais Francesa foi criada e era usada por profissionais da educação para surdos. (ACADEMIA DE LIBRAS, 2019, n.p).

Huet se tornou professor e, posteriormente, diretor do Instituto. Em 1855, veio ao Brasil para apresentar o trabalho que fazia, com a intenção de começar um instituto de surdos no Brasil. Dom Pedro II aceitou a proposta e posteriormente Huet e sua esposa se mudaram para o Brasil para executar o projeto de inclusão da comunidade surda.

Por fim, no ano de 1857, na cidade do Rio de Janeiro, foi fundado o Imperial Instituto de Surdos-mudos que, atualmente, é chamado de Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES). A partir das atividades desenvolvidas por esse instituto foi possível dar início a vários avanços, como acesso à educação, a lugares comuns e contato com ouvintes.

Faço um parêntese na parte histórica para explicar dois pontos muito importantes da Língua de Sinais: cada país possui a sua Língua, com sua gramática e variações linguísticas; e, o termo ‘surdo-mudo’ é incorreto, pois, geralmente, os indivíduos surdos ou com deficiência auditiva não têm problemas no funcionamento vocal, é o caso dos surdos oralizados, que são capazes de aprender a se comunicar pela língua oral mediante acompanhamento com profissionais da Fonoaudiologia.

4.3 MOVIMENTO SURDO NO BRASIL

No Brasil, o movimento surdo surgiu em meados da década de 1980. De acordo com Brito (2016, p. 766), eram “uma geração pioneira de ativistas surdos, oriunda de associações locais de surdos que até então não tinham exercido efetivo papel político na luta por direitos para este segmento social”. Nesta época, a Língua de Sinais ainda não era aceita como meio de comunicação, o que fazia com que os surdos fossem obrigados a aprender e usar o oralismo - método de ensino que utiliza treino da fala, leitura labial e treino auditivo, que acredita que o surdo só poderia desenvolver intelectualmente e linguisticamente dessa forma.

Na mesma época, na Suécia, já se desenvolviam estudos sobre o Bilinguismo, oposto do oralismo, que trata sobre o contato com a Língua de Sinais e a língua oficial do país desde cedo. Assim como em qualquer língua a criança aprender ‘falando’, na Língua de Sinais a criança surda também aprende conforme o meio em que está inserida, isto é, sinalizando.

O marco de ascensão do movimento social surdo no Brasil foi em uma passeata organizada por Nelson Pimenta de Castro, que mobilizou cerca de duas mil pessoas surdas e ouvintes, na orla da Praia de Copacabana, na cidade do Rio de Janeiro, em 25 de setembro de 1994 (BRITTO, 2016, p. 767).

O movimento surdo, em seu início, buscou participação nas esferas sociais, porém, esse avanço seria impossível sem a comunicação efetiva entre os membros da comunidade e os ouvintes. Daí a necessidade de ter o reconhecimento da Língua de Sinais, que foi pauta na década de 90. Em 1996, conseguiu-se levar ao Congresso Nacional uma campanha que visava o reconhecimento legal da Libras como Língua Brasileira de Sinais. E em 2002 foi aprovada a Lei nº 10.436, legalizando o uso da Libras.

4.4 MERCADO DE TRABALHO

Mercado de trabalho é uma expressão utilizada para se referir às formas de trabalho remunerado. O trabalhador vende sua força de trabalho por um salário, que é como uma recompensa do trabalho exercido (SILVA, 2014, n.p). Considerando que a característica do capitalismo é o volume de produção para obtenção de lucro, o empregador considera necessário que o trabalhador tenha um bom ritmo de trabalho e que não haja nenhum tipo de empecilho ou dificuldade que ele precise intervir.

Porém, no caso de pessoas com deficiência, é necessário que a empresa realize adaptações, sejam elas físicas, estruturais, ou, no caso dos surdos, adaptações relacionadas à comunicação e ainda a necessidade de aprender uma nova língua para integrar o funcionário. É importante citar que essa necessidade se justifica pela igualdade de oportunidades, que só é vivenciada ao reconhecermos a diferença.

Dados do IBGE constataam que a taxa de participação das pessoas com deficiência no mercado de trabalho é de 28%, menos da metade do percentual para as pessoas sem deficiência (66,3%). Ao entrarem no mercado de trabalho, também existem problemas quanto à ocupação dos postos formais (com carteira assinada e possibilidade de usufruir dos direitos previstos na Consolidação das Leis de Trabalho - CLT). O IBGE afirma que apenas 34,3% dos trabalhadores com deficiência ocupam postos formais de trabalho, enquanto a taxa entre pessoas sem deficiência é de 50,9%. Um reflexo disso é o rendimento mensal médio, que é de cerca de R\$1.639 para pessoas com deficiência, enquanto pessoas sem deficiência recebiam em média R\$2.619 por mês.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pautas da comunidade surda sempre tiveram minha atenção por toda a graduação, assim como o formato audiovisual, acredito que certa influência visual absorvi do “mundo surdo”. Isso não significa que a tarefa de produzir ao que tenho familiaridade foi fácil, no processo tive muitos percalços e atrasos, mesmo conhecendo as fontes, tendo contato direto com a comunidade, porém, fico feliz com o resultado, de poder entregar um produto rico em conhecimento e conscientização.

Acredito que o formato em vídeo seja mais fácil de alcançar mais pessoas, principalmente pela facilidade que temos hoje com a internet e smartphones, além de respeitar a comunicação gesto-visual do público surdo. Percebo também a oportunidade de contribuir com a popularização e discussão sobre o tema, visto que ainda é pouco o material que encontramos sobre o assunto.

Ademais, creio que o relato das fontes personagens irão incentivar outras pessoas surdas a não desistirem dos seus objetivos. A trajetória não é fácil, mas assim como os ouvintes, a comunidade surda é capaz. Vejo que com este produto ‘cumpri’ um dos vieses jornalísticos, que é levar informação de qualidade e com compromisso para a sociedade.

6. REFERÊNCIAS

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Declaração Universal dos Direitos Humanos, 1948. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>>

QUADROS, Ronice M. Língua de Sinais: Instrumentos de Avaliação. 2011.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, DF. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm

BRASIL. Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. Brasília, DF. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/110098.htm

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, DF. Disponível em:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm

BRASIL. Lei nº 8.213, de 24 de julho de 1991. Dispõe sobre os Planos de Benefícios da Previdência Social e dá outras providências. Brasília, DF. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18213cons.htm

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF:

Presidente da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Censo da Educação

Superior 2021. Brasília: INEP, 2021. Disponível em: https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2021/apresentacao_censo_da_educacao_superior_2021.pdf

BAVARESCO, Paulo Ricardo. TACCA, Daiane Paula. Multiculturalismo e

diversidade cultural: uma reflexão. Unoesc & Ciência - ACHS, 7(1), 61–68. Disponível em: <https://periodicos.unoesc.edu.br/achs/article/view/8511>

PIMENTA, N. Oficina – Palestra de cultura e diversidade. In: VIII Seminário Nacional do INES. [Anais...] Rio de Janeiro: INES, 2001. RAMOS, Fernão Pessoa. Mas afinal... O que é mesmo documentário? São Paulo SENAC, 2008.

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. Campinas, SP. Papyrus, 2005.

REDONDO, Maria Cristina; CARVALHO, Josefina Martins. Deficiência auditiva.

Brasília: MEC/Secretaria de Educação a Distância, 200. (Cadernos da TV Escola).

HISTÓRIA DA LIBRAS. Academia de Libras, 2019. Disponível em

<https://academiadelibras.com/libras/historia-da-libras/>

BRITO, Fábio Bezerra. O Movimento Surdo no Brasil: A busca por direitos. In J ResSpec Educ Needs, 16: 766-769. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/1471-3802.12214>

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo da Silva. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a

pesquisa qualitativa em educação. 1990. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4233509/mod_resource/content/0/Trivinos-Introducao-

Pesquisa-em_Ciencias-Sociais.pdf SILVA, Wellington Souza. Mercado de Trabalho. Infoescola, 2014. Disponível em: <https://www.infoescola.com/economia/mercado-de-trabalho/>

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pessoas com deficiência e as desigualdades sociais no Brasil. Fonte Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) 2019. Brasília. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/34977-desemprego-e-informalidade-sao-maiores-entre-as-pessoas-com-deficiencia>